

O Casal que Formamos e os Parceiros que nos Habitam

The Couple We Build and the Partners that Inhabit in Us

Suely Engelhard¹

Resumo

No trabalho com os casais em sofrimento, torna-se fundamental o terapeuta conseguir levá-los a distinguir o que lhes acontece por estarem indiferenciados e inconscientes de seus parceiros invisíveis internos. Por inconsciência, onde se busca enquadrar o outro nessa projeção, existem lealdades e triangulações que os impedem de construir uma comunicação clara e não fusionada, uma parceria verdadeira, com seu companheiro de vida. O uso de técnicas conjugadas da Terapia Familiar e da Psicologia Analítica, de Carl G. Jung, é um excelente recurso para o sistema terapêutico favorecer o projeto nós (casal) em se tornar mais fluido e mais capaz de lidar de modo simétrico entre seus componentes, constituindo um caminho de individuação e diferenciação para eles.

Palavras chaves: *parceiros invisíveis; arquétipos/imagens arquetípicas; conjugalidade; diferenciação/individuação; sistema terapêutico.*

Abstract

On while working with couples in distress, it's fundamental for the therapist to be able to make them realize what happens to them for being undifferentiated and unconscious of their internal invisible partners. For unconsciousness, seeking to frame the partner on this projection, there are loyalties and triangulations which prevent the criation of a clear and unfused communication, a true partnership with the life partner. The use of combined techniques of Family Therapy and Analitical Pshychology, by Carl G Jung, is na excellent resource for the therapeutic system to favor the projrct "us" (the couple) to become more fluid and better able to deal with the components in a mmetrical way, building a path of individuation and diferenciacion for them.

¹ Psicóloga, analista junguiana (SBPA/IAAP), terapeuta de família e casal, fundadora do Instituto Formador CAAPSY, associada ATF-RJ, associada dundadora da ATF-RN e associada ABRATEF.

Key words: *invisible partners; archetypes/archetypical images; conjugality; differentiation/ individuation; therapeutic system.*

Nascimento e Parentalidade

Quando se nasce da barriga da mãe para a barriga da família, se está definitivamente inserido no mundo e na humanidade, com seus arquétipos (imagens primordiais), histórias e tradições. E é essa inserção no coletivo, a qual, paradoxalmente, delinea a estruturação da personalidade individual. A interação do acúmulo de vivências relacionais que estabelecem um diálogo entre o passado e o presente em direção ao futuro definem o indivíduo, que, por sua vez, define a realidade existencial, num caminho de mão dupla, espiralado e em ascendência, formando ele um dos elos que compõem a espécie humana. Posto que a personalidade humana é entendida como um fenômeno energético, está em constante transformação e sempre busca a energia potencial necessária para a adaptação à sua história de vida.

No início da concepção, o ser humano é regido por duas forças primordiais, as quais ativam o ambiente em que se é concebido e em que se nasce por meio da parentalidade exercida pelos pais, que formavam o *antigo casal* e, agora, iniciam uma família. Essas forças são denominadas de arquétipos parentais, os tipos primordiais da Grande Mãe e do Pai, que se apresentam na forma de imago parental, em seus aspectos positivos e negativos, sendo os regentes iniciais do desenvolvimento humano. O(A) filho(a) recebe os cuidados dos pais ao mesmo tempo que lhes outorga, nesse cuidar, o papel de pais, estabelecendo, com eles, um contato relacional profundamente íntimo; por meio dessa troca afetiva, estrutura-se e se fortalece, entre outros aspectos da personalidade, a identidade sexual da criança. “É como se não tivesse nascido ainda inteiramente, mas se achasse mergulhada na atmosfera dos pais” (Jung, 1984, 347 § 756).

Quando a criança é cuidada e assistida pela força energética da Deusa Mãe por meio da ativação dessa força pela parentalidade, quando o cuidado e o carinho, a proteção e nutrição são dados, surge um sentimento de união que promove e sustenta o bem-estar, evita a frustração e eleva a autoestima. No seu lado terrível, essa força primordial promove o abandono e a carência, o desamparo e a desnutrição, pois, assim como cuida da vida, cuida, também, da morte.

Já o Pai é o deus que traz a ordem, com leis seriíssimas que fascinam e que separam os opostos; educa o que é permitido e o que não é; elabora a vivência da tridimensionalidade, ensinando

o que há na frente, atrás, em cima e embaixo; estimula o raciocínio abstrato, todos os sinais que mostram a igualdade e os que diferenciam os fatos e o *domínio do tempo* com o aprendizado das horas no relógio. Seu aspecto terrível e negativo surge quando a justiça é desrespeitada e a desobediência à complementaridade se dá. Aí, sua ira é expressa pela violência do olho por olho, dente por dente...

Essas forças arquetípicas irão permanecer por muitos anos estruturando a psique da criança humana, ajudando-a no enfrentamento e superação de conflitos, decepções e alegrias intensas, indispensáveis à socialização, e o Deus Pai prepara o caminho para a vivência adolescente ser presenteada.

Mesmo quando o pequeno ser encontra-se inicialmente sob a regência dessas energias primevas, há mais dois arquétipos importantíssimos, o *animus* e a *anima*, que têm grande significado e constroem, por meio das imagens arquetípicas, uma ponte relacional entre o pessoal e o impessoal, entre o consciente e o inconsciente, e que traz, compensatoriamente, aspectos do masculino e do feminino que cada gênero contém em si e que precisa ser contatado para seu desenvolvimento ocorrer sem maiores demandas.

É da natureza humana o anseio objetivo do inconsciente fundir-se com o consciente na busca de formar uma personalidade indivisível e criativa: a união dos opostos, macho e fêmea, dentro da personalidade individual está inclusa nessa ideia. Biologicamente, esse é um fato real. Todo corpo contém, em si, os hormônios do gênero oposto àquele que o orienta. Por que, já que não somos separados mente e corpo, haveria de ser diferente com nosso psiquismo?

Esses arquétipos trazem sua expressão simbólica à consciência e compensam as propriedades em relação à personalidade que manifestamos. É sobre o recôndito do que se recebe nas origens, daquilo que a família de origem e extensa trazem com relevância, a história e a interação relacional do indivíduo, como esse sistema pensa, sente e age, que o olhar do terapeuta deve recair para atingir a compreensão daquele ser.

Adolescência

Na adolescência, o triângulo primário formado com os pais sofrerá uma série de forças energéticas em oposição, pois há uma libido (energia) endogâmica, que puxa o adolescente para dentro do círculo familiar, e uma libido (energia) exogâmica, que o empurra para fora desse. Ocorre uma desacomodação no sistema já que uma nova ordem terá que ser alcançada. E aqui mais uma força

arquetípica se faz presente: o Herói, que impulsiona o jovem humano lhe dando coragem frente aos altos e baixos das vivências que terá que enfrentar da insensatez e da alegria abundante que essa época demanda. Por sua vez, seus pais também terão que, heroicamente, abrir espaço para o desenvolvimento do filho se dar. Terão que aprender a serem pais de adolescentes ao mesmo tempo que revisitam, em outro patamar, esse estágio por onde já passaram.

“O nascimento psíquico e, com ele, a diferenciação consciente em relação aos pais só ocorrem na puberdade, com a irrupção da sexualidade. [...] Daí o nome que se dá a esta fase: ‘os anos difíceis’ da adolescência” (Jung, 1984, 347 § 756).

A tudo isso se acresce as experiências tidas na vida de cada um por meio da imagem coletiva que o homem tem da mulher e a mulher tem do homem. Essas imagens arquetípicas em essência intervêm ativamente em nós como um *estranho*, às vezes solícito, às vezes incomodo e às vezes, até mesmo, destrutivo.

Esse elemento contra-sexual é geralmente tão esquivo que parece que está fora de nós, que está no outro, mas, na verdade, ele é reflexo de nossa própria psique projetada, sendo absorvida em terra fértil ou espelhada em uma tela de 360°.

Ao reconhecer e utilizar as projeções como espelho, dá-se passos importantes para o autoconhecimento. Os parceiros invisíveis aí estão nessas imagens psíquicas projetadas sobre o outro, nessas relações afetivas vividas e que podem ocorrer desde a mais tenra idade.

Sanford (1987) coloca que, devido à força numinosa dessa projeção, o indivíduo sofre um efeito magnético de atração ou repulsão a quem é o portador da mesma. No início, ao se apaixonar, parece existir a complementaridade perfeita. Tudo se encaixa com perfeição; há um se perder no *outro*. Sentimentos e vivências emocionais intensas, passionais, em que a idealização do outro é o tema, são a base dessa interação relacional.

Segundo Iraci Galiás, analista da SBPA/IAAP, esses novos Deuses que guiam essa fase do desenvolvimento – a *anima* no homem e o *animus* na mulher – têm, na Alteridade, seu valor principal, “com a troca, a simetria e a dialética dos opostos” (Galiás, 1988, p. 158) que não são aprendidas por ensinamento, e sim por uma busca e descoberta a eles. Aqui, o real valor e importância do *outro* é percebido e considerado. Nesse dinamismo vivencial, o indivíduo alcança a capacidade de reconhecer em *si* e no *outro* as emoções que se encontram menos conscientes, mais sombrias, conseguindo relacionar-se dialeticamente com elas. Para pecar nessa etapa do desenvolvimento, basta ter uma

atitude de traição, de desconsideração a si mesmo e, por efeito, ao outro, não mantendo a coerência e se tornando fechado ao que não é igual a si mesmo.

A alteridade (Byington, 1983, p. 24) possibilita criativamente ao ser conservar sua identidade, qualidade e condição vivencial e, ao mesmo tempo, ser capaz de se *abrir* para o outro, para o diferente, e sustentar essa polarização vivendo-a em sintonia com a unidade que o próprio indivíduo constitui.

Jovem Adulto e Adulthood

Ao se viver a paixão, tem-se o primeiro sinal de que a força anímica (em forma imagética do arquétipo da *anima* no homem e do *animus* na mulher) projetou-se sobre o *outro* e este se torna o objeto amado, desejado. A fascinação é tamanha porque se dá na relação, uma via de mão dupla, nunca sendo de uma pessoa só para a outra. Para essa atitude compulsiva se impor e ser vivida sem consciência, tem que haver correspondência. Nesse momento, há a entrega total e os apaixonados impulsionados pela inconsciência amorosa se tornam fusionados, necessitam um do outro para viver e se equilibrar. Essa atitude de complementaridade sustenta, durante algum tempo, a relação, mas não por muito tempo se não houver transformação.

No teste de realidade do relacionamento humano, a relação de apaixonamento é fadada ao fracasso, já que ocorre de o indivíduo apaixonar-se pelo *estranho* que há nele e, assim, apaixonar-se por si mesmo por meio da imagem do parceiro contra-sexual inconsciente projetada no *outro*. Passados esses primeiros tempos de escuridão, da paixão sem consciência, do desejo que o *outro* seja aquilo que anseio para me satisfazer, o encantamento começa a se desfazer e cada um passa a se dar conta de que o *outro* não é simplesmente o seu desejo, nem o sonho ou ideal em sua cabeça. O *outro* é uma pessoa, com ideias e sonhos próprios e, também, com questões sombrias, inconscientes e mal resolvidas em sua identidade e desenvolvimento relacional.

Se essa paixão inconsciente não se desfizer, *morre-se de paixão*, isto é, fica-se prisioneiro da inconsciência de si mesmo, e aquele que inicialmente foi o depositário da projeção amorosa transforma-se rapidamente de deusa em bruxa, de príncipe em ogro. E, como diz Vanda Di Yorio (1996, p. 22/3), “Da fascinação no momento da escolha do cônjuge, ao ódio mortal, em momentos posteriores, os implicados nessa relação são sempre igualmente responsáveis pelo desenrolar do drama. Acabamos sendo traídos por aquilo que mora em nós.”.

A experiência de apaixonar torna o indivíduo aberto aos assuntos do coração de forma maravilhosa, expandindo a personalidade e aproximando os sexos em relacionamento. Mas o amor real só tem seu início quando se passa a conhecer o outro como a pessoa que verdadeiramente ela é. A sabedoria popular diz que, para se conhecer alguém, é preciso se comer um saco de sal juntos. Isso demanda tempo e constância relacional, amadurecimento e expectativas realistas em relação ao outro o que então leva o casal a estabelecer uma parceria simétrica.

Na díade casal, por não existir adversário, por não haver ninguém a ser derrotado, tem-se o espaço propício para a projeção se desfazer, e aí, então, ou os dois ganham, ou ninguém ganha. Nessa relação, não há felicidade, nem se fica exultante quando o outro erra: o objetivo, nesse lugar, é não errar. No jogo de frescobol, temos uma metáfora perfeita da relação de simetria do casal: conseguir manter a bola em jogo o maior tempo possível é o que distingue a *boa parceria*.

A intimidade da relação a dois expõe, de modo muito claro, aquilo que cada um se tornou até o momento desse encontro. Porém, em muitos aspectos, cada um projeta sobre o outro aspectos sombrios e negados de si mesmo, já que o eu tem muita dificuldade em aceitar suas deficiências, problemas, sofrimentos e temores do mesmo jeito que, muitas vezes, enobrece-se de falsos valores e, em vez de aceitar seu próprio brilho opaco, brilha com o *ouro dos tolos*, geralmente se baseando na lealdade a suas origens. O que parece ser *sua verdade absoluta* fica palpável, e revelações acontecem como nos sonhos, que, como são uma expressão simbólica do que está presente no inconsciente ao trazer, por exemplo, a imagem de uma relação sexual, geralmente representam, para além de seu dado objetivo, a tendência de alguma parte inconsciente própria do indivíduo chegar à consciência e se unir intimamente à sua personalidade.

A experiência do encontro e da alquimia do amor entre *eu-outro* transforma-se na medida em que rituais de renovação se dão. Muitos destes advêm das vivências simbólicas das relações de amor a dois com as quais se conviveu e se recebeu como modelo em suas matrizes familiares, culturais e no momento histórico em que se vive. Em toda família, há um espaço comum em que as narrativas de seus membros são negociadas e compartilhadas, sendo que, nessa experiência, ocorre, também, a manifestação do que se dá *intersiquicamente*, um compartilhamento de inconscientes. Segundo Lyn Hoffman (In Seixas, 2004), terapeuta familiar do grupo de Milão, o inconsciente pessoal está em constante interação com os demais inconscientes: familiar, cultural, social.

É aí, então, que a energia de Eros, da vida, pode ser vivida como amor humano, amor ao que o outro realmente é, ocorrendo, assim, a interação criativa dos opostos. Aceitar as diferenças e peculiaridades de si mesmo e do outro aproxima o casal, enriquece a experiência compartilhada, e o amadurecimento da capacidade de amar se dá. Nessa intimidade com o objeto de paixão, aos poucos, a idealização desfaz-se e ele pode ser contido amorosamente, deixando de ser o *estranho*. Passa a ser, dessa forma, aceito como a parceria de vida a dois, com suas qualidades e imperfeições.

Conjugalidade

A questão mais complexa da conjugalidade, esse vínculo afetivo resultante da união de dois adultos, é que ela é mais do que apenas isso. Além da individualidade de dois sujeitos, com suas histórias e inserções sociais, seus projetos e seus desejos pessoais, por meio dela, a relação do casal poderá ser um caminho de diferenciação, de individuação para seus componentes, pois atende a uma comunicação que se dá num espaço comum co-inconsciente natural no ser humano. Entretanto, essa mesma identidade conjugal, ou espaço relacional, criada pelos dois indivíduos poderá eventualmente ser perturbada pela ação de complexos emocionais autônomos, triangulações intergeracionais, gerando conflito e reações adversas, o que prejudica a comunicação e gera incongruências.

Como Jung (1983) certa vez ponderou, não há um monoteísmo da consciência. Nossa personalidade não é só consciência; constitui-se de uma multidão de personalidades menores e parciais com as quais dialogamos e interagimos.

Portanto, diz Sanford (1987), “Todo relacionamento é uma mistura de áreas em que as pessoas se encontram, e de áreas em que não se encontram, porque são duas pessoas diferentes”. O traçado que possuo tramado pela minha história pessoal e familiar é diferente daquele que o outro traz, com tons, nuances e matizes variados. Como casal nuclear na formação de uma família, cabe a esse sistema criar seu risco e traçado próprio, seu clima emocional, resultante da negociação dos seus afetos e condutas compartilhadas, abrindo mão de certas regras e legados oriundos de sua origem.

É no processo de diferenciação do eu, do afastar constante as projeções e as narrativas que são feitas sobre o próprio eu e/ou que este faz de si mesmo, que surge a possibilidade de se ter consciência daquilo que chamamos *o projeto do outro*. Visto desse modo, não será uma *ideia* inscrita na minha cabeça, nem *aquilo* que desejo, nem *extensão* de minhas utopias ou um *duplo* meu. O *outro* é um ser vivo e real como eu. Jung sempre chamou atenção para o fato de que a relação homem-

mulher ocorre entre indivíduos reais e que essa relação constrói um terceiro multifacetado: o casal ou o nós.

Quando estamos num relacionamento verdadeiro, Hillman (2013) afirma que a *anima* (ou o *animus*) tem que cair fora: aqui, é o humano quem se relaciona, porque, se a relação permanecer determinada por essas forças que são internas e não externas, transformar-se-á uma pantomima arquetípica conduzida por atores humanos. Construir o nós requer sacrifício, requer o abandono dos desejos infantis, da idealização do outro, da ideia imatura de que o outro me completará... A infantil metade da laranja... O perfeito Casal 20...

É importante não esquecer que vivemos numa sociedade patriarcal rígida que predetermina os comportamentos do homem e da mulher segundo seus critérios e, em especial, seus papéis na relação casal. Essa amarra preconceituosa sufoca ambos os componentes dessa díade, especialmente quando a dinâmica patriarcal se mostra opressora e repressora.

As famílias estão inseridas nesse sistema. Nelas, os valores e crenças, a negociação das vivências afetivas e o comportamento individual aceito de seus componentes são os ingredientes que permitem a evolução da maturidade psicológica da personalidade humana, que depende, para sua construção, de quanto e como o amor está sendo vivido e sentido. Aparentemente uma fórmula tão simples, não fossem as coisas mais simples serem, no fundo, as mais complexas de se realizar.

A família, com suas histórias, missões, lealdades, inscreve-se, de forma profunda, no modo de proceder, amar e desejar de seus membros e afeta e é afetada pelo momento e espaço cultural em que vive. O posicionamento de cada um no relacionamento amoroso está vinculado, na atualidade, ao primado patriarcal, bem como a sua posição etária e sexual e a sua posição em relação aos irmãos na sua família de origem.

Em minha opinião, analisando as características do mundo contemporâneo, vejo-o constituído por condições que desfavorecem o projeto de vida em comum. Segundo Jung (1979), a maior parte dos casamentos desajustados, fracassados e infelizes deve-se à falta de educação dos indivíduos adultos, os quais vivem completamente ignorantes das principais coisas da vida. Um homem tem que saber que a zanga de uma mulher não decorre apenas de uma possessão de seu *animus*, pois o feminino é bem capaz de conhecer sua raiva assim como sua capacidade heroica.

Sempre que nos afastamos de nosso mundo interno, de nossos parceiros invisíveis, mais esses, por serem ignorados, aumentam em dimensão. Se nos voltarmos para eles, se os encarmos

e os levarmos em consideração, uma evolução psicológica dá-se e as projeções serão retiradas do *outro* fazendo surgir, para cada um, o ser humano em si. “[...] somente a união desses dois princípios (masculino e feminino) é que constitui um ser humano completo” (Berdyayev In Sanford, 1987, p. 148).

A empatia e a capacidade de suportar a frustração são os caminhos e as vias de acesso para que o casal estabeleça um relacionamento fértil e de valor, favorecendo que ambas as personalidades multipliquem-se criativamente na vivência desse encontro. Então, reconhece-se que não se está casado com titia ou com a vovó, nem com meu tio-avô ou irmão mais velho, nem com papai e mamãe. Reconhece-se casado com um ser humano que tem características que se assemelham a esses, visto que a imagem interna, que faz parte da vivência e desenvolvimento afetivo e cognitivo desse ser, modela-se pelo que a ativou e que esse ser humano é um ser único, com sistemas de ideias e fantasias próprios. Só quando se é capaz de valorizar o outro em si é que se desfaz o *outro* que existe no mundo interno de cada um.

No homem, aparece um respeito maior pelo mundo do coração, pelos relacionamentos, pela busca de sentido do existir, do partilhar a vida, trabalhando, com seriedade, seus sentimentos e expectativas. Com isso, suas explosões de mau humor, as fantasias sexuais e sua insaciável insatisfação se tornam conscientes de serem resultante da possessão anímica. Quanto mais tirânico, misógino e truculento o homem é, somente vendo a mulher como um objeto sexual, mais ele se encontra identificado e guiado por sua parte feminina inconsciente. Julgando ser alguém superior, na verdade, é uma marionete de seu parceiro invisível, manipulado pelos cordões de sua inconsciência. Um homem assim tem sua capacidade de distinção obnubilada, sua crítica enevoada e obscurecida, sua criatividade inibida. Nessa situação, sua argumentação é irritada e desproporcional e sua tristeza pode levá-lo à bebida ou ao uso de outras drogas para se anestésiar.

Na mulher, dá-se a ampliação de sua caminhada para a espiritualidade com o entendimento desse espiritual ligado a sensações corporais. Simbolicamente, ela entende com o corpo inteiro, para compreensão e participação no mundo mais amplo, com metas e aspirações para além do mundo familiar e acaba se dando conta de que suas opiniões e críticas devastadoras, suas reflexões frias e destrutivas têm, como pano de fundo, a força do seu parceiro invisível, seu *animus* interior, estando alienada de sua própria natureza e identificada com o masculino anímico. Segundo Sanford (1987), quando a mulher se sente ofendida sem justa razão e se mostra indignada e agressiva, uma mulher martirizada, o domínio anímico está presente.

No mundo atual, a ideia do *descartável*, da sensação de prazer e de bem viver sem fazer esforço como foco e objetivo primeiro para a vida não condiciona, nem capacita os indivíduos a ter resistência para enfrentar as dificuldades e frustrações quando estas se apresentam: sejam nas relações de trabalho, nas relações de amizade, nas relações familiares ou, principalmente, nas relações amorosas.

Quando as pessoas resolvem viver a dois, são feitos votos expressos e alguns outros não verbalizados. Essas *promessas invisíveis*, esses *pactos mudos* quando destratados são os responsáveis pela crise do casal e pela maioria dos fracassos no casamento. É a isso que Jung denomina de falta de educação do adulto.

Diferenciação/Individuação

No processo de diferenciação/individuação e no desenvolvimento do projeto nós, faz-se essencial que ocorra a renovação dos votos, expressos ou não, pactuados no casamento. A vivência simbólica do ritual de renovação desses acordos possibilita vários *recasamentos* darem-se a partir da primeira experiência do casal, chegando à vivência conjugal atual em direção à transformação. Isso é ir à busca do significado do existir já que nada se consegue se não há sentido de vida.

Encarar o casamento como um caminho de salvação é poder tê-lo como um caminho para o autoconhecimento. A compreensão do *self conjugal* (conceito introduzido por Byington (2003)), a soma dos conteúdos psíquicos do casal englobando as funções conscientes e inconscientes que dinamizam a relação, ajuda muito o analista em seu trabalho.

Quando o casal está em crise e sofrimento, isso requer deles a redefinição dos seus papéis tanto em relação às suas famílias de origem como na renovação dos pactos conjugais, com a finalidade de permitir a esse casal – atrofiado, desmantelado ou inflado pelo cotidiano – transformações criativas que consintam na exclusão da polaridade da identidade sexual homem/mulher para um verdadeiro *encontro*, em que o *EU/TU* sobreviva no *NÓS* com cada um de seus componentes conservando sua singularidade e colaborando, de maneira proporcional, para que o projeto casal fique fortalecido.

Segundo Byington (2003), é no dinamismo de alteridade que isso se dá. Cada eu responde por suas necessidades pessoais e ambos cuidam da relação com muito diálogo e trabalho conjunto. Cuidam das polaridades indivíduo e casal com análise rigorosa, carinho, apreço, meiguice e flexibilidade criativa. Essa capacidade só é possível de se dar no mundo externo, depois que esse

diálogo interno já tiver sido vivido do indivíduo para consigo mesmo, visto que nossa psique é formada por inúmeras personalidades autônomas, facetas de nossa própria alma, que precisam ser reconhecidas e integradas. É nesse relacionamento do eu com os seus aspectos inconscientes que surge a oportunidade para a criatividade se dar, pois os permanentes *parceiros invisíveis* se tornam aliados na medida em que não foram negados, e sim aceitos e acolhidos com consciência. A seriedade do acolhimento e respeito ao mundo interno é que possibilita a estabilidade da consciência humana, seu amadurecimento e boa intermediação com os desafios do viver.

Embora o passado nos condicione, diz Jung (1979), o mesmo também ocorre com o futuro, que há muito já se encontra em cada um e que vai aparecendo lentamente a partir de nosso interior como consequência da vivência de ações e relações, pois o inconsciente tem como meta separar e unir, introduzir-se na consciência, ganhar luz.

A partir da consciência familiar, do universo de valores educacionais, afetivos e culturais que são transmitidos, é construída a identidade de cada um. Cada membro da família contribui e responde dentro desse sistema como um todo, gerando uma atmosfera ou campo emocional em que as relações se fundam. Nenhuma pessoa se humaniza, isto é, existe e desenvolve as faculdades especificamente humanas, em isolamento, sem ter contato com outros seres humanos e sem viver as mais diversas possibilidades de trocas emocionais.

Os arquétipos humanos, segundo Neumann (1995), são a expressão das relações entre os seres humanos, e seu campo arquetípico expressa o fato de a humanidade ser uma unidade psicossocial.

Para além dos desejos, medos, ensejos e temores da consciência, há uma produção espontânea do inconsciente que tem como finalidade integrar tudo o que pertence a uma vida individual, “quer o sujeito concorde ou não, quer tome consciência do que está acontecendo ou não.” (Jung, 1979, 102 § 745). Segundo Jung, sempre que um dado emocional se torna consciente, um valor oposto, de igual conteúdo de energia, constela-se no inconsciente – essa é a dialética do processo de formação da identidade psíquica. Portanto a persona conjugal é extremamente necessária para que o casal, frente à sociedade, desempenhe seu papel social, tendo o cuidado de não ficar identificado a ele e terminando por ser apenas um executor de um teatro vivencial. Quando isso ocorre, o adoecimento da conjugalidade e a paralisação do projeto casal acontece.

Não podemos esquecer que somos regidos por regras e lemas inconscientes, de modo complexo e autônomo, que dão forma aos mandatos ocultos, armazenados no inconsciente familiar. O matrimônio deve ser valorizado como um caminho de salvação, e não de bem-estar, pois é essa possibilidade que dará apoio sólido à conjugalidade. No seio das famílias, são as vivências conflituosas do aqui e agora e as que, muitas vezes, inconscientemente transcendem gerações, que impulsionam o princípio da individuação de cada um se tornar um processo, como tão bem coloca Jung (1962, 411 § 644): “O bem estar do indivíduo exige que ele, que na infância não foi mais do que mera partícula que girava em torno de um sistema de rotação, uma vez adulto se torne o centro de um novo sistema.”.

“Via de regra, o fator que atua psiquicamente de um modo intenso sobre a criança é a vida que os pais ou antepassados não viveram (pois se trata de fenômeno psicológico atávico do pecado original)” (Jung, 1981, 47 § 87). Portanto urge que essas questões inter e transgeracionais sejam percebidas e valorizadas pelo sistema terapêutico, pois é por aí que se podem desfazer os nós que aparecem no traçado de vida daquela díade e que criam tensões desconfortáveis a seu desenvolvimento.

Individuação, para Jung, é a expressão do crescimento e desenvolvimento interior que se fortalece e amplia por meio da leitura simbólica do desenvolvimento do indivíduo dentro de sua matriz familiar.

Todo pai tem, pois, sob todos os aspectos, ocasião suficiente para estragar não pouca coisa no ser mais íntimo de sua filha, o que depois tem de ser tratado pelo educador, pelo marido e pelo médico em caso de neurose. A razão é que “o que foi estragado pelo pai” somente por outro pai poderá ser restaurado, e “o que foi estragado pela mãe”, somente por outra mãe pode ser reparado. A repetição desastrosa do padrão familiar poderia ser descrita como o pecado original psicológico ou como a maldição dos Atridas que atua através de gerações. (Jung, 1985, 176 § 226).

Uma transformação que não ocorreu em gerações anteriores, ou uma questão que ficou mal resolvida, congelada, será proposta novamente pelo inconsciente familiar até surgir um indivíduo que possua as ferramentas e os recursos necessários para efetuar e sofrer a transformação, muitas vezes repetindo o mesmo ato que causou a questão, mas com uma atitude emocional nova e diferenciada. Só assim se conservam antigos valores, os quais serão acrescidos de reconhecimento e aceitação de seus contrários, em comum acordo amoroso e diálogo permanente, numa ciranda de criatividade e de vida.

A integração desses símbolos, segundo Jung (1988, 42 § 451):

[...] consiste num ato individual de realização, compreensão e valoração moral. Trata-se de uma tarefa extremamente difícil que exige um alto grau de responsabilidade ética. Somente de poucos indivíduos pode-se esperar a capacidade para um tal desempenho, e esses não são absolutamente os líderes políticos, mas os líderes morais da humanidade. A preservação e o desenvolvimento da civilização dependem desses homens singulares...

É por meio de Eros, força e pujança de vida, que vai muito além da simples sexualidade e que se encontra na essência de toda criatividade humana, de todo amor entre duas pessoas, que o existir dá-se e que sustenta o ser humano a poder suportar as experiências de sacrifício que a vida exige.

Eros é que nos faz abandonar o amor infantilmente divinizado pela projeção anímica, distinguindo e sustentando o amor cotidiano da relação com homens e mulheres reais. Amor muito mais simples e muito pouco ardente e misterioso em comparação àquele que vivemos quando somos pegos pela projeção no *outro* de nossos *parceiros invisíveis*.

Para que o vínculo amoroso se torne maduro, o casal terá que suportar lidar com as frustrações decorrentes da retirada das projeções idealizadas e trabalhar constantemente para que a energia libidinal seja direcionada para a relação afetiva e para todos os acordos positivos que possam reinventar em seu caminho de existência.

Com o sacrifício dos velhos valores, velhos pontos de vista e velhos conjuntos de normas e preceitos morais/sociais, a transformação se dá, uma nova síntese se faz real e o casal amadurece entre si e com o mundo à sua volta. O aprisionamento na paixão empobrece e maltrata; permanece-se limitado e limitante em relação às exigências que a vida pede. Fugindo de sofrer, exigência que alguém a ser transformado e amadurecido precisa passar, a infelicidade é dupla. Se paga um alto preço, não há transformação, não se cria um novo núcleo familiar e se repetem infinitamente ciclos de vida que nada produzem. Só se ultrapassa o ciclo de ilusões, em que muitos param e desperdiçam seu tempo de vida, prejudicando sua própria escolha amorosa quando se aceita o sacrifício do viver.

Robert Johnson (1987, p. 215) resume essa ideia com clareza:

O mundo físico é verdadeiro e real; o mundo interno também é verdadeiro e real, e é quando os confundimos, quando não conseguimos viver o mundo interior como símbolo, quando tentamos localizá-lo em pessoas de carne e osso, que este mundo ilusório é criado. O mundo

ilusório é um mundo projetado, que assim distorce tanto o interior quanto o exterior, de maneira que não conseguimos enxergar nenhum deles tal como é.

Chico Buarque, cantor, compositor, escritor e dramaturgo, traz, em forma de versos da canção “Porque era ela, porque era eu”, que compôs para o filme nacional “A Máquina” (2005), de João Falcão, essa questão:

Eu não sabia explicar nós dois
Ela mais eu
Porque eu ela
Não conhecia poemas
Nem muitas palavras belas
Mas ela foi me levando pela mão
Íamos tontos os dois
Assim ao léu
Ríamos, chorávamos sem razão
Hoje lembrando-me dela
Me vendo nos olhos dela
Sei que o que tinha de ser se deu
Porque era ela
Porque era eu

Conclusão

Quando fica regido pela baixa diferenciação do *self* familiar e pelos lemas e regras de suas origens, o eu dificilmente consegue um amadurecimento psíquico-relacional, pois o *outro* não será reconhecido como sujeito, e sim como objeto de *utilização/projeção* de minhas ideias e desejos imaturos. Fatalmente o *outro* sustenta essa projeção por ter um eu infantilizado e pouco diferenciado; retroalimentando a relação e criando o que denominamos de co-dependência emocional, na qual a contaminação, chegando ao ponto de fusão emocional, coloca o indivíduo e o projeto casal em situações neuróticas, confusas e de grande desgaste de energia emocional. Justamente quando o sintoma aparece no relacional e deixa de ser um fenômeno intra e intersíquico, tem-se o melhor acesso ao material sombrio que precisa chegar à consciência.

Quando isso não ocorre, vamos ter um eu e um nós possuídos por uma carga de energia inconsciente, independente da sua vontade ou seu controle. Como se tivessem vida própria, por terem carga energética muito intensa, dominam o eu e o nós, controlando-os e os perturbando, gerando desconforto e tensão no caminho a ser percorrido, e este “[...] caminho indicado pelos complexos assemelha-se mais a um atalho áspero e sinuoso, que frequentemente, se perde num bosque cerrado, e, muitas vezes, em lugar de nos conduzir ao âmago do inconsciente, passa ao largo dele.” (Jung, 1984, 49 § 210).

Nessa situação, a alquimia do casal fica prejudicada, pois seus participantes são *estrangeiros*, *estranhos* para a díade, e, com isso, crescem as disputas pelas fronteiras relacionais e as lealdades invisíveis se tornam rígidas e impositivas. Questões de poder recrudescem com fragmentação da relação casal implodindo a unidade que deveria se dar. Triângulos interconexos rígidos e com alto grau de tensão interna se tornam evidentes. Todos sofrem e ninguém se beneficia dessa escuridão afetiva, em que se instala uma complementaridade rígida com os pares polarizados. Se não houver mudança nessas interações para além da manutenção homeostática do sistema, o sintoma instalar-se-á por meio de um dos membros do casal, em um ou mais filhos ou no próprio casal, podendo se cronificar.

O terapeuta terá que trabalhar, no sistema terapêutico, vários vetores que sentenciam esses sistemas à cronificação. São eles: a aglutinação ou a cisão, a superproteção ou o abandono afetivo, a rigidez ou a indulgência excessiva, nível de resolução de conflitos baixo, evitação, ou muito alto, assentimento e aprovação e as triangulações existentes intra e intersistemas.

Avaliar toda a família pessoalmente e, se isso não for possível, fazer uso do Genograma com a técnica desenvolvida por Moises Groisman, do Genograma Cruzado, em que as influências complicadoras se fazem visíveis, é um bom caminho terapêutico. Associando a ele a construção das cenas na Caixa de Areia, podemos ver os símbolos relacionais apresentando-se para serem reconhecidos e trabalhados e, com isso, alcançar-se a diferenciação emocional e a integração afetiva.

Com essas técnicas, a disposição do sistema terapêutico, com a atitude de se fazer aliança com cada membro do sistema e promover uma interação mais produtiva, objetiva-se que o sistema passe a remover temas estruturais complexos e que se sobrepõe num gasto exagerado de energia psíquico-relacional. Com o foco em tornar o sistema mais flexível, o terapeuta leva em conta quais são as interações problemáticas e as díades paralisadas que terão de ser hidratadas para que as

discussões reativas e defensivas se desconstruam, passando a fluir com amorosidade respeitosa e sustentando as diferenças a serem consideradas e acolhidas.

Quando a experiência do relacional interno e externo vai se definindo reciprocamente, numa forma helicoidal ascendente e inscrita no processo de diálogo entre o passado e o presente em direção ao futuro, podemos atribuir significado mais positivo e otimizador a certas certezas por meio das quais nos *definimos*, trocando com o momento histórico e cultural em que se está inserido.

E como já vimos, essas definições podem estar, em muitos momentos, baseadas em uma identificação do eu com uma energia complexa autônoma, um complexo inconsciente que encapsula a identidade egóica. Assim, é sempre preciso o indivíduo buscar se tornar consciente de suas qualidades e limitações uma vez que o casamento só existe e se configura como um caminho de salvação quando, nele, estão duas pessoas adultas que lutarão para construir um casamento duradouro apesar de suas diferenças e decepções mútuas, buscando constantemente se adaptar às transformações relacionais que lhes são exigidas.

Partindo do saber se ter um diálogo honesto com seu mundo interno, torna-se possível o diálogo criativo com o outro, com maior intimidade e sem tantas distorções emocionais. Já que sempre torna as dores e defesas mais evidentes, o conflito vivido na relação a dois dá condições para que a díade casal, junta, possa descobrir novos caminhos com o objetivo de superá-las, tornando a relação amorosa plena de criatividade absolutamente espontânea.

Referências

- Buarque, C. (2006). Porque era ela, porque era eu. In *Carioca* (2006). Recuperado em 26 fevereiro, 2020, de <https://m.lettras.mus.br>
- Byington, C. A. B. (2003). *A construção amorosa do saber*. São Paulo: Religare.
- D'Angelo Seixas, M. R. (2004). O co-inconsciente e a palavra criadora no sociodrama familiar. In M. A. F. Vitale (Org.). *Laços Amorosos: terapia de casal e psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Di Yorio, V. L. (1996). *Amor conjugal e terapia de casal: uma abordagem arquetípica*. São Paulo: Summus.
- Hilman, J. (2013). *O sonho e o mundo das trevas*. Petrópolis: Vozes.
- Johnson, R. A. (1987). *We: a chave da psicologia do amor romântico*. São Paulo: Mercuryo.
- Jung, C. G. (1962). *Simbolos de Transformacion* (OC V). Buenos Aires: Paidós.

-
- Jung, C. G. (1979). *Resposta a Jó* (OC XI/4). Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (1981). *O desenvolvimento da personalidade* OC XVII Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (1983). *A natureza da psique* (OC VIII 2). Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (1984). *A dinâmica do Inconsciente* (OCVIII/2). Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (1985). *Mysterium Coniunctionis* (OCXIV/1). Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (1988). *Aspectos do Drama Contemporâneo* (OC XI/ 2). Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. *et al.* (1964). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Pessoa, M. S. C. (2017). *Os sonhos na terapia junguiana de casais: um modelo de análise*. Curitiba: Appris.
- Neumann, E. (1995). *A Criança*. São Paulo: Cultrix.
- Neumann, E. (2000). *O medo do feminino* São Paulo: Paulus. (Amor e Psique)
- Sanford, J. A. (1987). *Os parceiros invisíveis*. São Paulo: Paulus. (Amor e Psique)